

Com Sena e Sophia, passar pelo tempo

Viviane Vasconcelos^a 

Resenha de:

SANTOS, Gilda; RUAS, Luci; CERDEIRA, Teresa (org.). *Sena & Sophia: centenários*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. 530 p.

Sena & Sophia: centenários (2020), livro organizado pelas professoras e pesquisadoras Teresa Cerdeira, Gilda Santos e Luci Ruas, reúne trabalhos apresentados no congresso internacional homônimo, realizado em setembro de 2019, que revisitam e celebram as obras de dois dos escritores portugueses mais importantes do século XX, nascidos no mesmo ano e mês, novembro de 1919, com uma diferença de dias: Jorge de Sena (02/11/1919-04/06/1978) e Sophia de Mello Breyner Andresen (06/11/1919-02/07/2004). Como nota Teresa Cerdeira, em “Celebrar Sena & Sophia” (CERDEIRA, 2020, p. 9), os centenários foram semelhanças que, em um primeiro momento, justificariam apenas as aproximações para as comemorações conjuntas. Os textos, divididos em quatro seções, a saber: a conferência de abertura – “Sena e Sophia: escrever no princípio do mundo” –, de Luís Filipe Castro Mendes, diplomata e poeta; “Sena: capitão de tempestades”; “Sophia: no esplendor da maresia”; e “Sena & Sophia & outras vozes”: “cartas, poemas e notícias”, revelam o percurso de “dupla companhia poética” (CERDEIRA, 2020, p. 11), no qual o “investimento numa poesia que não deixa nunca de

Recebido em: 01/09/2021

Aceito em: 01/11/2021

^aUniversidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, RJ, Brasil.
E-mail: vvasconcelosviviane@gmail.com

Como citar:

VASCONCELOS, V. Com Sena e Sophia, passar pelo tempo. *Gragoatá*, Niterói, v.27, n.57, p. 415-429, 2022. <<https://doi.org/10.22409/gragoata.v27i57.51453>>

acessar para o tempo” (CERDEIRA, 2020, p. 9) parece ser um dos elementos principais que une Sophia de Mello Breyner Andresen e Jorge de Sena.

Indica Luís Filipe Castro Mendes, em “Sena e Sophia: escrever no princípio do mundo”, que os poetas partilhavam um “princípio de mundo” como “gesto da criação poética” (MENDES, 2020, p. 18) cuja revelação não está somente na observação acerca da imanência das coisas. O poeta compreende que, inevitavelmente, na revelação do mundo estabelecida pela obra andreseniana está também a relevância do tempo histórico, preponderante na criação de Jorge de Sena, pois insere-se no “processo que parte de um fluxo inarticulado para uma consciência sempre dividida” (MENDES, 2020, p. 21). Na poesia seniana, esse processo não parte da imanência, segundo Castro Mendes, está na “vida humana, na sua miséria e na sua glória” (MENDES, 2020, p. 21).

Na tentativa de ampliar a reflexão acerca da relevância de uma perspectiva de olhar humanista em Jorge de Sena, a presença camoniana é convocada em alguns textos, como em “O prodigioso físico do físico prodigioso”, do poeta e professor Horácio Costa. Para tanto, na construção de um questionamento sobre o corpo em “O físico prodigioso”, de Jorge de Sena, Costa recorre à leitura de “Canção II - A instabilidade da Fortuna”, de Camões, para revelar “a corporalidade do poeta” (COSTA, 2020, p. 53), indispensável para pensar a relação entre o corpo e o texto indicada na literatura seniana séculos depois. Ainda acerca da importância do diálogo com a história em Jorge de Sena, a contribuição não ocorre somente na sua atividade poética, mas também no seu trabalho como ensaísta, tradutor e antologizador. Em “Pensar a experiência contemporânea: o contributo de Maquiavel e outros estudos de Jorge de Sena”, António Pedro Pita (2020, p. 43) destaca que o livro, publicado em 1974, é uma obra de “afinidades”, visto que pretende analisar fatos e referências do contexto histórico que permitem um entendimento da cultura europeia desde o século XV.

Seguindo a leitura cuja orientação permite um duplo olhar para as obras Jorge de Sena e Sophia de Mello Breyner Andresen, a presença humana, tão fundamental na obra dos escritores, adquire uma dimensão ética e política não só na poesia da poeta, mas também nos seus contos, a exemplo do que disserta Ângela Beatriz de Carvalho Faria, em “A Presença

humana e a dimensão política em *Contos exemplares*” (2020, p. 239). Em Jorge de Sena, o comprometimento em relação à construção de uma obra que quer possibilitar o conhecimento de si (e do outro) pode ser verificado nos estudos sobre a forma do soneto seniano, por exemplo, como aponta Annie Gisele Fernandes (2020, p.31). Em “Jorge de Sena e os seus sonetos: “ainda que não”, quando a pesquisadora analisa a “Glosa de Guido Cavalcanti”, conclui que este soneto, assim como outros escritos por Sena, “leva o leitor a constatar que ele recusa o lugar-comum, tanto dos modelos de composição, quanto o dos temas; leva o leitor a “pasmarse sereno” diante de um “conhece-te a ti mesmo” carregado de desencanto (FERNANDES, 2020, p. 42). Sobre os sonetos de Sophia, Roberto Bezerra de Menezes (2020) assinala que a poeta não era uma autora de sonetos, como Sena foi. No entanto, uma característica semelhante da composição andreseniana chama-nos atenção em “Desenhar a linha dos teus flancos: Sophia e o soneto”, que é a experimentação da forma associada aos aspectos temáticos.

Essa abertura para muitas leituras talvez seja um dos principais elementos de uma poesia do “experimento” (OLIVEIRA, 2020, p. 119) que é desenvolvida por Jorge de Sena, mas também por Sophia de Mello Breyner Andresen. Segundo Lucas Laurentino de Oliveira (2020, p. 119), o “experimento” ocorre nos níveis formais, bem como nos temáticos por meio de um jogo com a representação imagética do demoníaco e com os enigmas que privilegiam o discurso do contrário. A respeito do demoníaco, conforme observa Marcelo Pacheco Soares no texto “O natal, a alquimia, o tempo, e o espírito”, a obra de Jorge de Sena é uma resistência ao discurso conservador e ditatorial. Uma das formas de realizar essa crítica está na presença do “signo do diabo” (SOARES, 2020, p. 158), que marca grande parte da escrita seniana.

De algum modo, as considerações presentes em “Dos olhos de Artemidoro: reflexo e reflexão em Jorge de Sena”, de Luciana Salles, também ratificam o papel da construção de uma subjetividade relacional na escrita seniana, representando o homem exilado que “escreve em busca de espelhos que possam ajudar a compor a imagem de seu próprio rosto” (SALLES, 2020, p. 134). Cada elemento da cultura, como indicam os pesquisadores e pesquisadoras, e a possibilidade de jogar com as metamorfoses da linguagem, por exemplo, permitem um

processo de autoconhecimento “a um só tempo pelo outro e por si mesmo” (SALLES, 2020, p. 165).

Ampliando as análises sobre o tempo e uma proposta ética da alteridade, Silvio Renato Jorge (2020, p. 227) provoca-nos a pensar sobre a dimensão política e humana do trabalho e da atuação do poeta. “Jorge de Sena, um olhar atento sobre seu tempo” acentua a relevância da convergência entre homem e poeta que enfrenta a ditadura e expõe as atrocidades da história recente e remota. Ao desconstruir o passado idealizado, como ocorre no poema “Camões dirige-se aos seus contemporâneos”, do livro “Metamorfoses”, de 1963, Sena recorre mais uma vez à história. Por meio de um exercício de espelhamento, descreve um poeta que, assim como ele, vivenciou o abandono de seu país. Uma dicção semelhante encontra-se na poesia andreseniana. Como analisa Angela Laguardia, no texto “Figurações do feminino em Sophia, a poeta que amava os gregos” (2020, p. 247), a relação do poema com o universo, tantas vezes anunciada por Sophia, realiza um longo exercício metalinguístico em sua obra, buscando não só a presença das coisas, mas também a verdade e a justiça.

Polígrafos, Jorge de Sena e Sophia também escreveram sobre o Brasil e autores brasileiros, mas sem terem esquecido a necessidade de uma avaliação histórico-cultural. Sobre o olhar para outro, a relação entre Jorge de Sena e o Brasil está no ensaio de Ida Alves, que se intitula “Jorge de Sena: um leitor da cultura brasileira” (2020, p. 59). Além de ter lecionado no Brasil e escrito sobre o país no período brasileiro¹ (1959-1965), Sena sempre foi, segundo Ida Alves, um interessado pela literatura e cultura brasileiras, revelando-se, muitas vezes, um crítico que debateu temas indispensáveis à compreensão das literaturas portuguesa e brasileira, a exemplo da noção de “nacionalidade”. A respeito da relação de Sophia de Mello Breyner com o Brasil, em “No centro do reino de Ártemis a viagem de Sophia ao Brasil”, o poeta e professor Eucanaã Ferraz analisa os registros de relatos de viagens que Sophia fez ao Brasil. Viagens, no plural, pois não trazem somente as impressões das paisagens e lugares percorridos, mas também diálogos com escritores que permitiram a ela uma “viagem na língua” (FERRAZ, 2020, p. 304). A experiência com o tempo nos relatos sobre as viagens do Brasil, de algum modo é um dos objetivos centrais de “Toda a vida vivida”, de Carlos Mendes

¹ Refere-se aos anos em que Jorge de Sena optou por um exílio voluntário no Brasil durante a ditadura Salazarista. No país, foi professor de Literatura Portuguesa e Teoria da Literatura, nas Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras de Assis e de Araraquara, em São Paulo.

de Sousa. De acordo com o professor, apesar de ser uma obra cuja libertação do tempo é um dos propósitos de realização, “existe em Sophia uma tensão dialéctica determinante: uma obra que se pretende liberta do tempo e dos espaços, mas que está intrinsecamente ligada ao tempo transcorrido, à vivência dos lugares” (SOUSA, 2020, p. 256).

Esse ensinamento talvez tenha permitido a compreensão da atualidade do texto seniano para a contemporaneidade brasileira. O poeta e professor Luis Maffei, em “Golden Shower segundo Jorge de Sena: “diálogo místico” e “filmes pornográficos” para o Brasil de hoje” defende que a “dimensão libertária da linguagem” (MAFFEI, 2020, p. 141), lição camoniana aprendida com Jorge de Sena, que é relativa à experiência da escrita amorosa. Ao trazer fatos que fazem referência ao contexto político do Brasil atualmente, Maffei estabelece as diferenças entre o pornográfico e o erótico para ressaltar a importância da expressão transgressora da linguagem como resistência. No caso de Sophia de Mello Breyner Andresen, ainda que por um outro caminho, o aprendizado ocorre por meio da responsabilidade com o visível ou uma atenção constante aos “modos como a linguagem cria uma política da visibilidade, ou uma “poética do olhar” (ANGLADA, 2020, p. 267-268), destaca Carolina Anglada em “Navegar, derivar: o dizer para ver de Sophia”. À ação de olhar, soma-se uma atenção a outro sentido fundamental, o saber ouvir, atitudes que a poesia também desperta como formas de resistência, estabelecendo maneiras de uma “relação íntima com a palavra: pelo afeto, pelo desejo, pelo escárnio ou por sobrevivência” (KRÜGER, 2020, p. 277), a exemplo do que Constance Von Krüger expõe nas primeiras linhas de *Paisagem e palavra; Sophia e o silêncio*. A atenção como estratégia de vida e de escrita também está no texto de Maria Silva Prado Lessa, “Atenta como uma antena”: a invocação à Musa e a poética da escuta de Sophia” (2020, p. 355).

De acordo com Vilma Arêas, em “Sophia – os pequenos pássaros da interpretação”, em um caminho que elege a convivência com as coisas como um método, a poesia de Sophia denuncia a instabilidade do mundo, a invisibilidade que quer dar lugar à visibilidade. Mas essa “presença ansiada do silêncio” (ARÊAS, 2020, p. 388) é notada porque estabelecemos com a poesia algo valioso na obra de Sophia:

a aliança. Dessa maneira, é também sobre a possibilidade de falar acerca da liberdade presente nas poéticas seniana e andreseniana. Segundo Jorge Vaz de Carvalho, em “Jorge de Sena e as cores da liberdade” (2020, p. 109), a liberdade torna-se um processo contínuo de questionamento e de aprendizagem em que a existência é tomada como um estado de vigilância. O alerta seniano ou a necessidade permanente de uma acuidade de pensamento, como lembra Sabrina Sedlmayer (2020, p. 217), são temas desenvolvidos, muitas vezes, por uma ideia de negatividade que atravessa toda a sua obra. Compreende-se por negatividade, segundo a pesquisadora, no trabalho “Non de trás para frente é non: a negatividade em Jorge de Sena”, o papel exercido pela noção de raiva e de revolta como forças que movimentam a literatura seniana. Se, por um lado, a negatividade é incluída como uma ação, por outro, a casa é “elemento determinante de ritos de passagem e de metamorfoses profundas que instauram um percurso ascendente em direção ao conhecimento” (NEVES, 2020, p. 184), como aponta Margarida Braga Neves em “Casa e casas nalguma ficção breve de Jorge de Sena”.

No entanto, a ausência de destaque da obra crítica seniana nos estudos comparatistas, como observou Ida Alves, é uma preocupação também de José Candido de Oliveira Martins. Em “Questão da crítica literária no discurso directo de Jorge de Sena”, o professor menciona uma atenção menor que é dada à crítica literária, “quer da teoria da crítica, quer da “crítica aplicada” (MARTINS, 2020, p. 84). O trabalho crítico de Jorge de Sena também está presente nos ensaios sobre tradução, como nota Joana Meirim no artigo “Tradução e talento individual: Jorge de Sena tradutor e antologador”. Para Sena, segundo Meirim, a atividade não “é só transferência de um texto de uma língua para outra [...] O ato tradutório é intrínseco ao ser humano (MEIRIM, 2020, p. 100). No que tange à relação entre poesia e música, não menos importante na obra seniana, “Arte da Música”, livro de interesse do artigo do musicólogo e historiador cultural Ruy Vieira Nery, em “O Pick Up de Jorge de Sena: sobre o suporte material da Arte de música”, evidencia, por meio da sua prática poética, um conhecimento acerca das manifestações artísticas, tema fundamental em Jorge de Sena, como também o trabalho de um “musicólogo”, de acordo com Nery, de “absoluta intemporalidade” (NERY, 2020, p. 207).

Em relação à importância de outros gêneros na obra de Sophia, vale destacar os textos de Federico Bertolazzi, “No reino terrível da pureza”: a prosa dispersa da Sophia”, e “Entre flores e festa noturna, a busca da unidade em “O rapaz de bronze”, de Luci Ruas. O primeiro ressalta a relevância de uma obra formada por quase duzentos textos, como depoimentos, ensaios e entrevistas, segundo Bertolazzi (2020) que são indispensáveis à reflexão sobre a obra de Sophia de Mello Breyner Andresen. O segundo texto apresenta a importância do conto *O rapaz de bronze* para a compreensão da escrita andreseniana, na medida em que traz elementos que questionam, assim como na produção poética, “o sensível e o visível, o ético e o estético” (RUAS, 2020, p. 335).

O percurso de entrelaçamento entre as obras de Jorge de Sena e Sophia de Mello Breyner Andresen, ainda que não anunciado nas duas primeiras seções, orienta uma leitura atenta do livro até a última parte, que irá revelar a importância dos dois escritores para os seus contemporâneos, a relação de afeto entre os dois, assim como a permanência de ambos nas literaturas de língua portuguesa. O diálogo entre Sena e o poeta, crítico e tradutor Gastão Cruz, presente em “Jorge de Sena e Gastão Cruz e uma “nona meditação à beira do pacífico”, de Antônio Carlos Cortez, ocorre por meio de uma escrita poética da recordação que permite ao poeta trazer a presença seniana e “a possibilidade de pela rememoração presentificar o passado e fantasiar” (CORTEZ, 2020, p. 413). A noção de que a verdade da poesia está além dela, como conclui Ferraz, por meio da ideia de convocação de Sena para ler o poema e a poética de Gastão Cruz, também se faz presente nos textos que aproximam Sophia de Mello Breyner Andresen e Cecília Meireles. Com Jorge Fernandes da Silveira, em “Capítulo sexto: Sophia e Cecília em companhia da biógrafa e da fadista no canto do conto”, aprendemos que Sophia e Cecília são “biógrafas do seu tempo” (SILVEIRA, 2020, p. 420), característica também atribuída, de algum modo, a Jorge de Sena por Susana Antunes em “Jorge de Sena e Cecília Meireles: o poema errância em (irresistível) contraste”, quando destaca o papel do poema como uma caminhada, como espaços por meio dos quais são realizadas viagens que “impulsionam profícuas reflexões histórico-culturais acerca da humanidade” (ANTUNES, 2020, p. 510).

Ainda a respeito da partilha, os textos que estabelecem uma conversa entre Sophia e outros dois poetas brasileiros - João Cabral de Mello Neto e Murilo Mendes - ampliam as considerações sobre a multiplicidade do diálogo. Em “Sophia e João Cabral “no gume do poema”, Rafaela Cardeal (2020) observa a importância que o despertar recíproco para a escrita abre caminho para um diálogo intertextual, como também permite a ambos uma nova visão acerca do léxico de cada obra. Já com Murilo Mendes, segundo nota Silvana Maria Pessôa de Oliveira (2020, p. 489), em “Sophia & Murilo Mendes: visões da Grécia”, expõe a escrita andreseniana, entre muitas afinidades, a admiração pela cultura grega. Entre Jorge de Sena e Sophia de Mello Breyner Andresen há, além das aproximações já apresentadas indiretamente, outras que estarão nos textos “Discurso epistolar entre Jorge de Sena e Sophia”, de Maria Otilia Pereira Lage (2020), e “A correspondência entre Sena e Sophia e o diálogo com o cinema da poesia de Rita Azevedo Gomes”, de Rui Pedro Vau (2020).

No texto de Sofia de Sousa Silva, intitulado *A poetisa e sua mestra*, é convocado o diálogo entre Sophia de Mello Breyner Andresen e Adília Lopes, em cuja escrita existe uma presença intertextual frequente com a poesia andreseniana e que, ao contrário de estabelecer somente convergências, problematiza essa relação. Segundo Sofia de Sousa Silva, “a preocupação com o caráter excludente dessa noção tão moderna de forma justa que Sophia endossa é decerto relevante na obra de Adília” (SILVA, 2020, p. 502). Para Adília, segundo a pesquisadora, o que parece interessar na poética andreseniana é o uso depurado das palavras. Nem sempre haverá uma relação evidente entre os poetas e seus contemporâneos, como destaca Jorge Valentim (2020, p. 423) no ensaio “Natália Correia e Jorge de Sena, um diálogo (im)provável?”. Apesar das diferenças de posicionamentos e de relações não evidentes de amizade, Valentim destaca que no poema “Receita para fazer natálias”, Jorge de Sena faz uma homenagem extremamente incomum à escritora que o considera um “valentão americano”, porém não deixa de reconhecer o valor da obra do poeta. Uma das características apontadas por Natália Correia é a inserção e contribuição de Sena no cenário do surrealismo português. Sobre essa questão, merece atenção o texto de Mônica Simas, “O surrealismo será aquilo que nossa atitude ditar”, que

reforça a tese de um poeta interessado na multiplicidade das interpretações acerca da cultura, para quem “o progresso dialético não poderia ser logicamente rígido, mas flutuante” (SIMAS, 2020, p. 461).

Por todo valor de Jorge de Sena, não é de se estranhar a repercussão que teve sua morte, em junho de 1978. Inês Espada Vieira, no texto “Fazem cá um barulho com a morte do gajo!”: a morte de Jorge de Sena na imprensa portuguesa”, conclui: “Mas a vida não se conta apenas como narrativa unívoca e mítica: ela é uma trama complicada de caminhos e personagens, em locais e tempos diversos” (VIEIRA, 2020, p. 82). Embora não haja no livro um trabalho que analisa a repercussão da morte de Sophia de Mello Breyner Andresen, em 2004, há dois textos, a saber: “Sophia: tempo e memória”, de Maria Elizabeth Graça de Vasconcellos, e “Entre-cartas: paisagens com poemas, filhos, dois mares e liberdade ao fundo”, de Ana Luísa Amaral, que abordam a permanência da obra de Sophia. Quando conclui e destaca a importância da lembrança como uma forma de continuidade, Maria Elizabeth Graça de Vasconcellos cita o conto “O espelho ou o retrato vivo”, de Sophia, e afirma: “Atravessar o espelho significa abolir a fronteira entre vida e morte, passado e presente” (VASCONCELLOS, 2020, p. 352). Sobre os possíveis espelhos, escreve a poeta, ensaísta, tradutora e professora Ana Luísa Amaral: “O meu Sena e a minha Sophia convocam para mim maravilhamento e louvor; protesto e justiça, lembram-me o romântico William Blake, para quem a verdadeira inocência era a habitação para a sabedoria” (AMARAL, 2020, p. 392).

Os ensaios presentes no livro *Sena & Sophia: centenários* confirmam não só a possibilidade de um percurso de “dupla companhia poética” sugerido por Teresa Cerdeira, mas dão a ver a dimensão de dois dos maiores escritores do século XX e convocam os leitores a uma reflexão sobre o comprometimento com a consciência sobre o tempo.

Referências

ALVES, Ida. Jorge de Sena: um leitor da cultura brasileira. *In: SANTOS, Gilda; RUAS, Luci; CERDEIRA, Teresa (org.). Sena & Sophia: centenários.* Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. p. 59-68.

AMARAL, Ana Luísa. Entre-cartas: paisagens com poemas, filhos, dois mares e liberdade ao fundo. *In: SANTOS, Gilda; RUAS, Luci; CERDEIRA, Teresa (org.). Sena & Sophia: centenários.* Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. p. 391-400.

ANGLADA, Carolina. Navegar, derivar: o dizer para ver de Sophia. *In: SANTOS, Gilda; RUAS, Luci; CERDEIRA, Teresa (org.). Sena & Sophia: centenários.* Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. p. 267-275.

ANTUNES, Susana. Jorge de Sena e Cecília Meireles: o poema-errância em (irresistível) contraste. *In: SANTOS, Gilda; RUAS, Luci; CERDEIRA, Teresa (org.). Sena & Sophia: centenários.* Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. p. 509-526.

ARÊAS, Vilma. Sophia – os pequenos pássaros da interpretação. *In: SANTOS, Gilda; RUAS, Luci; CERDEIRA, Teresa (org.). Sena & Sophia: centenários.* Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. p. 379-388.

BERTOLAZZI, Federico. “No reino terrível da pureza” A prosa dispersa de Sophia. *In: SANTOS, Gilda; RUAS, Luci; CERDEIRA, Teresa (org.). Sena & Sophia: centenários.* Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. p. 319-333.

CARDEAL, Rafaela. Sophia e João Cabral “no gume do poema”. *In: SANTOS, Gilda; RUAS, Luci; CERDEIRA, Teresa (org.). Sena & Sophia: centenários.* Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. p. 471-480.

CARVALHO, Jorge Vaz de. Jorge de Sena e as cores da liberdade. *In: SANTOS, Gilda; RUAS, Luci; CERDEIRA, Teresa (org.). Sena & Sophia: centenários.* Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. p. 109-118.

CERDEIRA, Teresa Cristina. Celebrar Sena & Sophia. *In: SANTOS, Gilda; RUAS, Luci; CERDEIRA, Teresa (org.). Sena & Sophia: centenários.* Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. p. 9-14.

CORTEZ, António Carlos. Sobre esta praia: a vida da poesia, Jorge de Sena e Gastão Cruz e uma “nona meditação à beira do pacífico”. *In: SANTOS, Gilda; RUAS, Luci; CERDEIRA, Teresa (org.). Sena & Sophia: centenários.* Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. p. 401-414.

COSTA, Horácio. O prodigioso físico do físico prodigioso. *In: SANTOS, Gilda; RUAS, Luci; CERDEIRA, Teresa (org.). Sena & Sophia: centenários.* Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. p.51-58.

FARIA, Ângela Beatriz de Carvalho. A presença humana e a dimensão política em Contos exemplares. *In: SANTOS, Gilda; RUAS, Luci; CERDEIRA, Teresa (org.). Sena & Sophia: centenários.* Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. p. 239-246.

FERNANDES, Annie Gisele. Jorge de Sena e os seus sonetos: “ainda que não”. *In: SANTOS, Gilda; RUAS, Luci; CERDEIRA, Teresa (org.). Sena & Sophia: centenários.* Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. p. 31-42.

FERRAZ, Eucanaã. No centro do reino de Ártemis a viagem de Sophia ao Brasil. *In: SANTOS, Gilda; RUAS, Luci; CERDEIRA, Teresa (org.). Sena & Sophia: centenários.* Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. p. 285-317.

JORGE, Silvío Renato. Jorge de Sena, um olhar atento sobre seu tempo. *In: SANTOS, Gilda; RUAS, Luci; CERDEIRA, Teresa (org.). Sena & Sophia: centenários.* Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. p. 227-236.

KRÜGER, Constance von. Paisagem e palavra; Sophia e silêncio. *In: SANTOS, Gilda; RUAS, Luci; CERDEIRA, Teresa (org.). Sena & Sophia: centenários.* Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. p. 277-283.

LAGE, Maria Otilia Pereira. Discurso epistolar entre Jorge de Sena e Sophia. *In: SANTOS, Gilda; RUAS, Luci; CERDEIRA,*

Teresa (org.). *Sena & Sophia: centenários*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. p. 443-457.

LAGUARDIA, Angela Maria Rodrigues. Figurações do feminino em Sophia, a poeta que amava os gregos. *In: SANTOS, Gilda; RUAS, Luci; CERDEIRA, Teresa (org.). Sena & Sophia: centenários*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. p. 247-253.

LESSA, Maria Silva Prado. “Atenta como uma antena”: a invocação à Musa e a poética da escuta de Sophia. *In: SANTOS, Gilda; RUAS, Luci; CERDEIRA, Teresa (org.). Sena & Sophia: centenários*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. p. 355-365.

MAFFEI, Luis. Golden Shower segundo Jorge de Sena: “diálogo místico” e “filmes pornográfico” para o Brasil de hoje. *In: SANTOS, Gilda; RUAS, Luci; CERDEIRA, Teresa (org.). Sena & Sophia: centenários*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. p. 141-152.

MARTINS, João Cândido de Oliveira. Questão da crítica literária no discurso direto de Jorge de Sena. *In: SANTOS, Gilda; RUAS, Luci; CERDEIRA, Teresa (org.). Sena & Sophia: centenários*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. p. 83-97.

MEIRIM, Joana. Tradução e talento individual: Jorge de Sena tradutor e antologador. *In: SANTOS, Gilda; RUAS, Luci; CERDEIRA, Teresa (org.). Sena & Sophia: centenários*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. p. 99-107.

MENDES, Luís Filipe Castro. Sena e Sophia: escrever no princípio do mundo. *In: SANTOS, Gilda; RUAS, Luci; CERDEIRA, Teresa (org.). Sena & Sophia: centenários*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. p. 19-28.

MENEZES, Roberto Bezerra de. Desenhar a linha dos teus flancos: Sophia e o soneto. *In: SANTOS, Gilda; RUAS, Luci; CERDEIRA, Teresa (org.). Sena & Sophia: centenários*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. p. 367-378.

NERY, Rui Vieira. O “Pick Up” de Jorge de Sena: sobre o suporte material da Arte de música. *In: SANTOS, Gilda; RUAS, Luci; CERDEIRA, Teresa (org.). Sena & Sophia: centenários*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. p. 185-216.

NEVES, Margarida Braga. Casa e casas nalguma ficção breve de Jorge de Sena. *In: SANTOS, Gilda; RUAS, Luci; CERDEIRA, Teresa (org.). Sena & Sophia: centenários.* Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. p. 165-184.

OLIVEIRA, Lucas Laurentino. Um jogo demoníaco. *In: SANTOS, Gilda; RUAS, Luci; CERDEIRA, Teresa (org.). Sena & Sophia: centenários.* Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. p. 119-132.

OLIVEIRA, Silvana Maria Pessôa de. Sophia & Murilo Mendes: visões da Grécia. *In: SANTOS, Gilda; RUAS, Luci; CERDEIRA, Teresa (org.). Sena & Sophia: centenários.* Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. p. 489-497.

PITA, António Pedro. Pensar a experiência contemporânea: o contributo de Maquiavel e outros estudos de Jorge de Sena. *In: SANTOS, Gilda; RUAS, Luci; CERDEIRA, Teresa (org.). Sena & Sophia: centenários.* Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. p. 43-50.

RUAS, Luci. Entre flores e festa noturna, a busca da unidade em O rapaz de bronze. *In: SANTOS, Gilda; RUAS, Luci; CERDEIRA, Teresa (org.). Sena & Sophia: centenários.* Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. p. 335-346.

SALLES, Luciana. Dos olhos de Artemidoro: reflexo e reflexão em Jorge de Sena. *In: SANTOS, Gilda; RUAS, Luci; CERDEIRA, Teresa (org.). Sena & Sophia: centenários.* Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. p. 133-140.

SEDLMAYER, Sabrina. Non de trás para frente é non: a negatividade em Jorge de Sena. *In: SANTOS, Gilda; RUAS, Luci; CERDEIRA, Teresa (org.). Sena & Sophia: centenários.* Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. p. 217-226.

SILVA, Sofia de Sousa. A poetisa e sua mestra. *In: SANTOS, Gilda; RUAS, Luci; CERDEIRA, Teresa (org.). Sena & Sophia: centenários.* Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. p. 499-507.

SILVEIRA, Jorge Fernandes da. Capítulo sexto: Sophia e Cecília em companhia da biógrafa e da fadista no canto do conto. *In: SANTOS, Gilda; RUAS, Luci; CERDEIRA, Teresa (org.). Sena*

& *Sophia*: centenários. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. p. 415-422.

SIMAS, Mônica. O surrealismo será aquilo que nossa atitude ditar. *In*: SANTOS, Gilda; RUAS, Luci; CERDEIRA, Teresa (org.). *Sena & Sophia*: centenários. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. p. 459-469.

SOARES, Marcelo Pacheco. O natal, a alquimia, o tempo, e o espírito. *In*: SANTOS, Gilda; RUAS, Luci; CERDEIRA, Teresa (org.). *Sena & Sophia*: centenários. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. p. 153- 163.

SOUSA, Carlos Mendes de. Toda a vida vivida. *In*: SANTOS, Gilda; RUAS, Luci; CERDEIRA, Teresa (org.). *Sena & Sophia*: centenários. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. p. 255-266.

VALENTIM, Jorge Vicente. Natália Correia e Jorge de Sena, um diálogo (im)provável(?). *In*: SANTOS, Gilda; RUAS, Luci; CERDEIRA, Teresa (org.). *Sena & Sophia*: centenários. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. p. 423-441.

VASCONCELLOS, Maria Elizabeth Graça de. *Sophia*: tempo e memória. *In*: SANTOS, Gilda; RUAS, Luci; CERDEIRA, Teresa (org.). *Sena & Sophia*: centenários. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. p. 347-353.

VAU, Rui Pedro. A correspondência entre Sena e *Sophia* e o diálogo com o cinema da poesia de Rita Azevedo Gomes. *In*: SANTOS, Gilda; RUAS, Luci; CERDEIRA, Teresa (org.). *Sena & Sophia*: centenários. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. p. 481-488.

VIEIRA, Inês Espada. “Fazem cá um barulho com a morte do gajo!”: a morte de Jorge de Sena na imprensa portuguesa. *In*: SANTOS, Gilda; RUAS, Luci; CERDEIRA, Teresa (org.). *Sena & Sophia*: centenários. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. p. 69-82.

With Sena and Sophia, Cutting Across Time

Review of the book: SANTOS, Gilda; RUAS, Luci; CERDEIRA, Teresa (org.). *Sena & Sophia: centenários*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. 530 p.

Viviane Vasconcelos é Professora de Literatura Portuguesa da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). É Doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Atua no Programa de Pós-Graduação em Letras (UERJ), na linha de pesquisa “Literatura: tradução e relações (trans)culturais e intersemióticas, na Área de Estudos de Literatura. Possui formação em Letras (Português/Italiano), Filosofia e Comunicação Social (Jornalismo).